

Pontuação em Português

Os sinais de pontuação são recursos gráficos próprios da linguagem escrita. Embora não consigam reproduzir toda a riqueza melódica da linguagem oral, eles estruturam os textos e procuram estabelecer as pausas e as entonações da fala. Podem ser classificados em dois grupos: os **sinais de pausa** e os **sinais de melodia ou entonação**.

1. **Sinais de pausa.** Os sinais destinados a marcar pausa são:
 - . (ponto)
 - , (vírgula)
 - ; (ponto e vírgula)
2. **Sinais de melodia ou entonação.** Às vezes, numa frase, além da pausa, pode-se mudar a melodia, ou seja, o ritmo ou altura da voz. Para marcar a entonação, usamos os seguintes sinais:
 - : (dois pontos)
 - ? (ponto de interrogação)
 - ! (ponto de exclamação)
 - ... (reticências)
 - “” (aspas)
 - () (parênteses)
 - [] (colchetes)
 - (travessão)

Emprego dos sinais de pontuação

Os sinais de pontuação só devem ser colocados entre termos que não guardam entre si uma relação sintática estreita.

Ponto

O ponto é o sinal de pausa de grande duração, empregado geralmente:

1. Nas abreviaturas: Sr. (senhor), Dr. (doutor), s.m. (substantivo masculino)
2. No final de orações independentes: “Faz frio. Há bruma. Agosto vai em meio.” (Vicente de Carvalho)
3. No final de um período: quando o período seguinte pertencer à mesma série ideológica de conceitos, isto é, quando não houver mudança sensível de teor.
4. No final de um parágrafo: quando, concluída uma série ideológica de conceitos, se vai iniciar outra de teor diverso.
5. Ponto final: quando com ele se encerra definitivamente o trecho.

Observação: Nas cartas, requerimentos, ofícios, relatórios, etc... varia o uso do sinal de pontuação depois do vocativo inicial. Ora figura o ponto simples, ora os dois pontos, ora a vírgula e, com frequência, nota-se a ausência de qualquer pontuação.

- a) com ponto simples: “Meu caro João Ribeiro.”
- b) com dois pontos: “Querida irmã:”
- c) com vírgula: “Caros amigos,”
- d) sem qualquer pontuação: “Graça Aranha”

Na redação oficial, usa-se com mais frequência os dois pontos.

- e) Excelentíssimo Senhor Presidente da República:
- f) Senhor diretor:

Vírgula

A vírgula é um sinal destinado a marcar pausa de breve duração entre os termos da oração e entre orações de um mesmo período. A vírgula é usada para:

1. Separar o vocativo.
“Deixa-me, **senhora.**” (Machado de Assis)
2. Separar o aposto.
“Depois foi a Lica, **irmã caçula,** que ficou noiva.” (Guimarães Rosa)
3. Separar adjuntos adverbiais que aparecem no início ou no meio da oração.
“Você, **certamente,** já tem candidato.” (Fernando Sabino)
“**Sem pressa,** aparta-se dos companheiros cochilando à margem.” (Dalton Trevisan)
4. Separar os termos de uma enumeração, quando têm idêntica função sintática.
“Passem-se dias, horas, meses, anos (...)” (Vinicius de Moraes)
Observação: Se, antes do último termo, houver conjunção aditiva, a vírgula será omitida.
“Búfalos negros, curvos e mansos.”
“Tirou de um fundo falso os cavaletes, os círios e outras tranqueiras de velório.”
5. Separar nomes de lugar nas datas e nos endereços.
Itu, 25 de dezembro de 1991.
31, janeiro, 1902.
Rio, 2-4-904.
Rua Maraduba, 298.

6. Indicar a elipse, isto é, a omissão de um termo da oração; ou zeugma, isto é, omissão de um termo já expresso.
 “Uma flor, o Quincas Borba.” (Machado de Assis)
 “Poeta sou; pai, pouco; irmão, mais.” (Manuel Bandeira)
7. Isolar palavras ou expressões explicativas ou conclusivas, tais como: **por exemplo, isto é, digo, assim, com efeito, a saber, minto, ou melhor, então**.
 “Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, **isto é**, recolheu o movimento do rabo.” (Carlos Drummond de Andrade)

Vírgula entre as orações do período

Emprega-se a vírgula para:

1. Separar orações coordenadas assindéticas.
 “Há sol, há muito sol, há um dilúvio de sol.” (Hermes Fontes)
 “O vencedor descasca o ingá, chupa de olho guloso a fava adocicada.” (Dalton Trevisan)
2. Separar as orações coordenadas sindéticas ligadas pelas conjunções **mas, senão, nem, que, pois, porque**, ou pelas alternativas **ou...ou, ora...ora, quer...quer, etc.**
 “**Ou** o conhece, **ou** não.” (Pe. Vieira)
 “Não sei bem por onde se encontra, **mas** está sempre em toda parte.” (Cecilia Meireles)

Observações:

- a) Quanto a conjunção *mas*, se for muito frisante o sentido adversativo, pode-se usar o *ponto e vírgula*.
 “Defenda-se; **mas** não se vingue.” (José Oiticica)
- b) Há duas situações em que antes da conjunção **e** deve-se usar a vírgula:
 - Quando essa conjunção aparece repetida várias vezes no período, assumindo valor enfático.
 “**E** zumbia, **e** voava, **e** zumbia.” (Machado de Assis)
 “**E** suspira, **e** geme, **e** sofre e sua.” (Olavo Bilac)
 - Quando as orações coordenadas sindéticas possuem sujeitos distintos.
 (**Nós**) Almoçávamos em sua casa, e **eu** tinha acabado de comer uma salada imensa.” (Otto Lara Resende)
Ninguém dizia nada, e **todos** esperavam.” (Fernando Sabino)
3. Separar orações subordinadas adjetivas explicativas.
 Deus, **que é Pai de todos**, sabia da luta que ela tivera.” (Adonias Filho)
 “A ele, **que é o decano da corporação**, nenhum preito lhe renderam.”
4. Separar orações subordinadas adverbiais, postostas ou antepostas à oração principal.

Juro que ela sentiu certo alívio, **quando os nossos olhos se encontraram...**” (Machado de Assis)

“Vozes e passos a enervavam, **mesmo que só ela os pudesse ouvir.**” (Otto Lara Resende)

5. Separar orações intercaladas ou interferentes.
“É bem feiozinho, **benza-o Deus**, o tal teu amigo.” (Aluisio de Azevedo)
“Desta vez, **disse ele**, vais para a Europa.” (Machado de Assis)

Quando não se emprega a vírgula

1. Entre o sujeito e o predicado.
“*As senhoras do carro* **moravam em Matacavalos.**” (Machado de Assis)
2. Entre a oração principal e a subordinada substantiva, bem como entre a oração principal e a adjetiva restritiva.
“Não creio **que escrevessem por cima do muro do jardim.**” (Eça de Queirós)

Observação:

Se a oração subordinada substantiva vier antes da principal, usa-se vírgula para separá-las.

Que ele é um boçal, eu já percebera.

Que faremos destes jornais tão envelhecidos, eu não tenho idéia.

3. Entre termos diretamente relacionadas.
 - verbo e seus complementos;
 - nome (substantivo, adjetivo, advérbio) e complemento nominal;
 - substantivo e adjuntos adnominais.
A única pessoa que ainda não rendeu homenagem à máquina é o vigário.” (José J. Veiga)
A porta da igreja estava repleta de miseráveis e loucos.” (Ana Miranda)

Ponto e vírgula

O *ponto e vírgula* é um sinal gráfico destinado a marcar uma pausa mais sensível que a vírgula; é um sinal intermediário entre o ponto e a vírgula. Emprega-se o ponto e vírgula para:

1. Separar as partes distintas de um período, que se equilibram em valor e importância.
“Os pobres dão pelo pão o trabalho; os ricos dão pelo pão a fazenda; os de espíritos generosos dão pelo pão a vida; os de nenhum espírito dão pelo pão a alma...” (Pe. Vieira)
“Silvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor, nomeado e predestinado.”

2. Separar séries ou membros de frases que já são interiormente separadas por vírgulas.
 “Uns trabalhavam, esforçavam-se, exauriam-se; outros folgavam, descuidavam-se, não pensavam no futuro.” (Júlio Nogueira)
 3. Separar os diversos itens que constituem uma lei, um decreto, uma portaria, um relatório, um regulamento, uma instrução normativa, uma exposição de motivos.
 “Art 12. Os cargos públicos são providos por:
 I – Nomeação;
 II – Promoção;
 III – Transferência;
 IV – Reintegração;
 V – Readmissão;
 VI – Reversão;
 VII – Aproveitamento.” (Estatuto dos Funcionários Públicos)
- “O **Vocabulário** conterà:
- a) o formulário ortográfico, que são estas instruções;
 - b) o vocabulário comum;
 - c) o registro de abreviaturas.” (Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa)

Dois Pontos

Os *dois pontos* destinam-se a marcar uma pausa repentina da voz, mais acentuada que a da vírgula, indicando que a frase não está concluída. É freqüente seu uso para:

1. Introduzir a fala de um interlocutor.
 “Alexandre tossiu, temperou a goela:
 – Bem. O caso se deu numa das primeiras viagens que fiz a mata.” (Graciliano Ramos)
 “Bradei: – ‘Que fazes ainda no meu crânio?’” (Augusto dos Anjos)
 “Alguém te disse: – Reza. É bom para que esperes.” (Alphonsus de Guimaraens)
2. Introduzir uma citação.
 “O Projeto formula deste modo o art. 494:
 Se mais de uma pessoa possuir coisa indivisa, ou estiver no gozo do mesmo direito, poderá cada uma exercer sobre o objeto comum atos possessórios...” (Carneiro Ribeiro)
3. Introduzir uma enumeração explicativa.
 “Dez animais para a ilha deserta: o gato, o cão, o boi, o papagaio, o peru, o sabiá, o burrinho, o vaga-lume, o esquilo e a borboleta.” (Guimarães)

Rosa)

“Dei-lhe tudo: nome, dinheiro, posição.”

4. Introduzir um esclarecimento ou uma síntese do que foi dito anteriormente.
“Vamos ter uma nova geografia na Alemanha: no Ocidente, o capital, e no Leste, se tivermos sorte, o trabalho.” (Revista Veja)

Ponto de interrogação

O *ponto de interrogação* marca o tom de voz que se eleva (ascendente), próprio da interrogação direta, podendo, ou não, exigir resposta.

“– Então? Que é isso? Desertaram ambos?” (Artur Azevedo)

“Por que vens, noite?” (Vinicius de Moraes)

Na interrogações indiretas, não há ponto de interrogação, nem entonação ascendente.

“Mariana, impaciente, perguntou-lhe ao ouvido se não era melhor adiar os dentes para outro dia; mas a amiga disse-lhe que não; negócio de meia hora a três quartos.” (Machado de Assis)

Observações:

1. Na perguntas que denotam surpresa ou admiração, costuma-se usar também o *ponto de exclamação*, ao lado do ponto de interrogação:
“– Você já viu tanto dinheiro, mulher?!” (Domingos Pellegrini)
2. O ponto de interrogação pode aparecer sozinho para marcar o estado de dúvida ou surpresa diante de certa situação:
“A escrita, por exemplo. Quem pensa, quem reflete sobre esse milagre que é a escrita? E que é escrita?
– É o meio de fixar e transmitir o pensamento.
– E como apareceu?
– ?” (Monteiro Lobato)

Ponto de exclamação

Usa-se o *ponto de exclamação* nas seguintes situações:

1. Depois de qualquer palavra, expressão ou frase, na qual, com entonação apropriada de voz, se indique espanto, surpresa, entusiasmo, susto, cólera, piedade, súplica:
“– Mãe, sangue, sangue!” (Raul Pompéia)
“– Tem pena de mim!” (Álvares de Azevedo)
2. Depois das interjeições e dos vocativos intensos:
“Ah! Cumpra-se o fadário que me espera...” (Luís Carlos)
“Andrada! arranca esse pensão dos ares!
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!”

Observações:

- A interjeição de espanto *oh!*, que se escreve com *h*, é sempre seguida do ponto de exclamação.
- A interjeição de apelo *ó* não admite *h* depois dela.
“Ó Virgem, que vais responder?” (Manuel Bandeira)
- Para dar ênfase à entonação da fala, muitos escritores usam dois pontos de exclamação:
“– De planta, eu entendo! Tira a mão!!” (Domingos Pellegrini)

Reticências

As reticências indicam, normalmente, a suspensão da fala, a interrupção das idéias e pensamentos, a hesitação de quem fala. Servem para representar, na escrita, o estado de espírito de quem se interrompe ou é interrompido quando diz alguma coisa.

Empregam-se as reticências para:

1. Indicar que o sentido vai além do que já ficou expresso.
“A doença ainda me durou algum tempo; sarei com a mudança de clima; o amor, ao menos na minha idade, é uma espécie de beribéri...” (Machado de Assis)
2. Indicar pequenas hesitações, dúvida ou surpresa.
“Mas, para o que vinha é tarde: e ele está preso ou está morto...” (Cecília Meireles)
3. Indicar omissão de pensamento, mostrando que ainda há idéias para serem expressas.
“Aqui é a sala de visitas e a sala de jantar; a cozinha é contígua; além, ficam duas braças de quinta ... o infinito da indiferença humana.” (Machado de Assis)
4. Permitir que o leitor (ou interlocutor), com sua imaginação, dê prosseguimento ao assunto.
“Vinte e quatro horas não é muito para quem tem de amarrar-se eternamente. Quero sondar meu próprio espírito, e ... (Machado de Assis)
5. Sugerir um prolongamento das entonações interrogativa e exclamativa
“– Isso são sonhos, Mariana! ...” (Camilo Castelo Branco)
6. Indicar que algumas partes foram suprimidas de uma citação. Nesse caso, aparecem entre parênteses.
“Aquele que compreende o Universo como uma dualidade de alma e corpo (...) vive na perpétua dor.” (Graça Aranha)

Aspas

Aspas duplas (“”) e simples (‘’)

Normalmente usam-se aspas duplas quando se quer enfatizar determinada palavra num texto, ou mesmo fazer alguma citação. As aspas simples são empregadas quando, dentro de um texto já destacado por aspas simples, houver necessidade de novas aspas.

Empregam-se aspas para:

1. Indicar o início e o fim de uma citação, de modo a diferenciá-la do restante do texto.
Mário Quintana dizia: “Qualquer idéia que te agrade, por isso mesmo... é tua”.
2. Salientar palavras estrangeiras ou gírias.
Diz-se que uma roupa é “in” quando está na moda e “out” quando já não é mais usada.
3. Ressaltar o valor significativo de uma palavra ou expressão.
“Em épocas passadas perambulou pela Terra um animal de corpo roliço conhecido por ‘taiga’ ou outro nome de som parecido” (José J. Veiga)
4. Isolar idéias, pensamentos ou falas de personagens do restante do texto.
“Estela sorriu, – um sorriso que queria dizer: ‘Bem sei que sou demais.’ A língua, porém, não proferiu uma palavra única.” (Machado de Assis)
5. Para destacar capítulos ou partes de um texto.
“Graças ao alfabeto um homem de hoje pode ler o que Platão escreveu há séculos, e os meninos do ano 3000 poderão ler as futuras ‘memórias da Marquesa de Rabicó’ (...)” (Monteiro Lobato)

Observações: Em lugar das aspas, podem-se também destacar os títulos de livros, jornais, revistas, obras de arte etc., em itálico ou negrito. As aspas também poderão ser substituídas pelo grifo (ou itálico) no caso de emprego de palavras estrangeiras.

Parênteses

Os *parênteses* servem para intercalar, na escrita, termos, palavras ou expressões em um período. Usam-se os parênteses para:

1. Introduzir indicações bibliográficas.
“Matamos o tempo; o tempo nos enterra.” (ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Vol. 1, Rio de Janeiro, José Aguilar, 1962, p. 615)
2. Fazer indicações cênicas de textos teatrais.
“Camões. E não choro, não; não choro... não quero...
(Forcejando por ser alegre) Vedes? até rio!” (Machado de Assis)

3. Intercalar idéia ou indicação acessória num texto.
 “Estava nisto, quando na manhã do terceiro dia (Vasconcelos já se levantava cedo) entrou-lhe no gabinete o irmão, sempre com o ar selvagem de costume.” (Machado de Assis)
4. Isolar orações subordinadas, reduzidas ou intercalada.
 “O homem saiu da tabacaria (metendo o troco nas calças?)” (Fernando Pessoa)
5. Introduzir o advérbio latino **sic**, indicativo, em transcrições, de que há erro no texto original do autor.
 “Amanhã haverão (sic) duas corridas de cavalos.” (J. A. dos Santos Araújo)

Colchetes

Os *colchetes* são sinais gráficos que têm a mesma finalidade dos parênteses: intercalam palavra ou palavras que não fazem parte de uma transcrição. O seu uso, entretanto, restringe-se quase exclusivamente aos textos de cunho científico, filosófico ou didático.

Assim, usam-se colchetes para:

1. Fazer rigorosas transcrições fonéticas.
 “**acidez** [ê] s. f. Azedume; azedia.” (Celso Pedro Luft)
2. Intercalar palavras ou símbolos não pertencentes ao texto.
 Em Aruba se fala o espanhol, o inglês, o holandês e o papiamento. Aqui estão algumas palavras de papiamento que você, com certeza, vai usar:
 1- *Bo ta bon?* [Você está bem?]
 2- *Dios no ta di Brasil.* [Deus não é brasileiro.]
3. Introduzir indicações de cunho editorial (título da obra, nome do autor, nome de editor, local de edição, data da publicação) quando estas são apenas presumíveis.
 “LESSA, Origenes. *O feijão e o sonho*. 15a. ed. Rio de Janeiro. Edições de Ouro. [s/d], p.73)”
4. Inserir comentários ou observações em texto já publicados.
 Machado de Assis escreveu muitas cartas a Silvio Dinart [pseudônimo do Visconde de Taunay, autor de *Inocência*].
5. Indicar omissões de partes na transcrição de um texto.
 “É homem de sessenta anos feitos [...] corpo antes cheio que magro, ameno e risonho.” (Machado de Assis)

Travessão

Graficamente representado por um traço horizontal, mais longo que o hífen, o *travessão* tem um uso bastante expressivo como indicador de certas pausas na leitura de um texto.

O travessão é usado para:

1. Indicar, nos diálogos, a fala ou mudança de interlocutor.
“Karin passou a mão nos cabelos encharcados de Mansinho e tomou mais vodca.
– Fala alguma coisa.
– Você gosta de versos e eu só tenho prosa.” (Antônio Callado)
2. Distinguir os comentários do narrador nas falas dos personagens.
“–Por que poderia não ter simpatizado comigo. Simpatia não se impões
– empregava um tom de humildade – e eu respeito muito esse sentimento secreto e humaníssimo.” (Marques Rebelo)
3. Dar mais relevo a certas expressões ou chamar a atenção do leitor.
“Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?
– O que eu vejo é o beco.” (Manuel Bandeira)